

OLIVEIRA, Ana Rodrigues (2024). *Portugal – Uma História no Feminino*. Lisboa: Casa das Letras, 648 pp., ISBN: 978-989-661-939-8.

O livro aqui em análise apresenta-se como um trabalho de leitura minucioso e inequívoco da história das mulheres em Portugal. O livro é composto por estudos baseados nas vidas de mulheres de diferentes origens políticas, culturais e territoriais, bem como nas suas relações com os homens com quem conviveram. O que a autora propõe é mais do que uma coletânea de biografias. Apresenta um retrato da evolução histórica de Portugal através de mulheres de diferentes dinastias e épocas. Ana Oliveira pretende demonstrar que essas mulheres não eram apenas destinadas à reprodução. Essas mulheres têm uma história, são agentes históricos.

A introdução fornece o enquadramento global da obra, relativo ao contexto sociocultural e político-económico de cada momento histórico em que as mulheres representadas na obra se inseriram, destacando os fundamentos em torno dos seus percursos e objetivos, assim como das suas influências e atuações. Cada um dos 34 capítulos que compõem o livro explora a vivência política e social de determinadas mulheres, contada sob a perspetiva feminina. Apesar de não existir uma referência descrita no índice da obra, há uma clara divisão entre as mulheres retratadas nos capítulos 1 a 25 e nos capítulos 26 a 34. Nos primeiros 25 capítulos, as figuras femininas da realeza portuguesa adquirem particular relevância, assumindo papéis tradicionalmente atribuídos aos homens e inserindo-se num jogo de interesses e de alianças políticas entre linhagens e reinos. Sem menosprezo de outros, podemos destacar o capítulo 6, dedicado a D. Beatriz de Gusmão, infanta de Castela e rainha de Portugal entre 1253 e 1279, além de rainha-mãe de 1279 até 1303. Como parte de uma estratégia para resolver a disputa sobre a soberania do Algarve, o matrimónio da filha do rei D. Afonso X de Castela com o rei D. Afonso III de Portugal permitiria concretizar um acordo entre os dois monarcas. No contexto desse acordo, D. Afonso III concordava em ceder temporariamente o usufruto do Algarve ao seu futuro sogro, enquanto D. Afonso X se comprometia a devolver todos os direitos sobre o Algarve ao primeiro filho do casal, assim que este atingisse os sete anos de idade. O matrimónio entre D. Beatriz de Gusmão e o rei D. Afonso III aconteceu em 1253, tendo sido consumado cinco anos depois, em 1258. Como informam as fontes históricas, D. Beatriz cumpriu a função que lhe foi atribuída e pela qual o rei tanto aguardava, uma prole numerosa e também masculina. Como demonstração de afeto e confiança, o rei D. Afonso III nomeou-a como sua testamenteira, juntamente

com alguns privados do rei. Durante o reinado de D. Afonso III, que durou até à sua morte, em 1279, D. Beatriz exerceu grande influência na Corte Régia e apoiou a aproximação entre os reinos de Portugal e Castela, sendo vista como uma rainha promotora da paz e “recordada como zeladora da sua régia honra e dignidade familiar” (p. 100).

Não é possível reconstituir as trajetórias destas mulheres sem considerar os homens que viveram na sua época e que fizeram parte das suas vidas. Todavia, como se argumenta neste livro, é fundamental analisar o seu olhar, pois ele distingue-se do masculino. Ambos contribuem para a construção do tecido histórico, e até se complementam, ajudando a desnudar a realidade histórica. Essas mulheres viveram numa época em que o trono, os bens, as terras e os títulos eram transmitidos de forma hereditária ao primogénito varão. No entanto, a maioria dessas mulheres conseguiu exercer a sua influência e poder, impactando as pessoas ao seu redor e desempenhando um papel fundamental no fortalecimento de pactos e alianças.

Os últimos capítulos do livro retratam outras mulheres que contribuíram para o devir histórico. Foram mulheres que lutaram por mais direitos e por aquilo que acreditavam apesar da imposição masculina e das obrigações a que estavam sujeitas. A história de Carolina Beatriz Ângelo (1879-1911), retratada no capítulo 26, é um claro exemplo da resiliência feminina durante uma época opressora e preconceituosa. Carolina Beatriz Ângelo formou-se em medicina e fez história ao se tornar a primeira mulher em Portugal a realizar uma cirurgia e a votar em eleições, utilizando um lapso na legislação eleitoral da época. Embora fosse amplamente entendido que o voto era destinado exclusivamente aos homens, a lei não especificava claramente esse ponto. Com formação superior e sendo viúva, ou seja, chefe de família, Carolina Beatriz Ângelo considerou que atendia aos requisitos para votar e solicitou para ser incluída nos cadernos eleitorais. Tanto a Comissão de Recenseamento como o Ministério do Interior recusaram o seu pedido, mas uma decisão judicial acabou sendo-lhe favorável. Assim, Carolina Beatriz Ângelo tornou-se na primeira mulher portuguesa a votar nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, um feito amplamente noticiado pela imprensa europeia da época, tornando-a “um nome emblemático do feminismo e do republicanismo da primeira década do século XX” (p. 548). Este caso demonstra a importância da perseverança de determinadas figuras femininas na história de Portugal que souberam lutar por um pensamento próprio e por um mundo melhor.

Em última análise, verifica-se uma ausência nos estudos relacionados com a vida e memória de muitas destas mulheres. Existem lacunas nos registos historiográficos, não só pela História, maioritariamente escrita por homens,

cujos focos incidem sobretudo na dimensão político-militar em detrimento dos aspetos socioculturais em que essas mulheres se inseriram. Não obstante tenha surgido, nos finais do século XX, um desenvolvimento investigacional da história das mulheres, continuam a ser poucos os estudos que “abrem portas” à história das mulheres de forma criteriosa e documentada. Verifica-se uma carência na abordagem desta temática numa perspetiva não romantizada, onde as lacunas continuam a ser abundantes. A obra aqui em apreciação constitui, portanto, um estudo de caso relevante e interessante. Apresenta dados significativos e suscita uma reflexão apelativa de âmbito historiográfico.

O livro abordado oferece, em suma, uma contribuição essencial para um tema que ainda apresenta amplo espaço para exploração. A obra reúne uma série de artigos de grande relevância, não apenas para o estudo individual de cada caso, mas também para proporcionar uma visão abrangente do assunto sobre os diversos e complexos aspetos que marcaram a vida de mulheres, e que desempenharam um papel crucial na História de Portugal. Como afirma a autora, é necessário relembrar “que a sociedade atual é fruto de tudo aquilo que já existiu, e que essa sociedade foi, e será sempre, feita de Homens e Mulheres” (p. 13).

CÁTIA TEIXEIRA

Universidade do Porto, Faculdade de Letras

catia.teixeira90@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8445-3060>



